

FLÁVIA FASANELLA

SEGREDO

DE

ARQUIVO

A VERDADE POR TRÁS DOS MAIORES
CRIMES BRASILEIROS SOB O OLHAR DO
JORNALISMO INVESTIGATIVO

Segredo de Arquivo

A verdade por trás dos maiores crimes
brasileiros sob o olhar do Jornalismo
Investigativo

Flávia Fasanella

Segredo de Arquivo

A verdade por trás dos maiores crimes
brasileiros sob a visão do Jornalismo
Investigativo

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade do autor.

Dedico essa obra à minha mãe, Gilda, que sempre me apoiou ao máximo e me inspirou para ser jornalista; ao meu pai, Miguel, que sempre fez de tudo possível para que meus sonhos fossem alcançados; às minhas melhores amigas, Mariana, Isabella e Stefanie, que sempre me apoiaram neste processo; ao meu professor e orientador, Fernando Moraes, que sempre me passou tranquilidade e confiança durante a produção dessa obra; e, principalmente, a Deus, que me deu todas as forças essenciais para não desistir.

Sumário

Capítulo 1: As 23 lesões de Henry	14
Capítulo 2: 5 minutos em 5 segundos	24
Capítulo 3: As duas faces de Celso Russomanno	33
Capítulo 4: Tragédia no Jacarezinho	42
Capítulo 5: “Bandido bom, é bandido morto?”	50
Capítulo 6: O grande julgamento	58
Capítulo 7: A criminalização na Paraisópolis	65

Introdução

Neste livro-reportagem, jornalistas investigativos de diversos veículos de comunicação compartilham seus relatos sobre suas atuações nas principais coberturas de crimes que aconteceram no Brasil. Ao todo, sete profissionais do jornalismo foram entrevistados e, com isso, cada capítulo é protagonizado pelas histórias de cada um.

Dentro dos capítulos, diversas experiências protagonizadas por eles foram abordadas. Desde a cobertura da morte do menino Henry, até a tentativa frustrada da descoberta do assassino de Marielle Franco, e as operações policiais que aconteceram dentro das favelas mais perigosas do país compõem esta obra. Paolla Serra, do jornal O Globo, Marina Lang, da revista Veja, Felipe Souza, da BBC, Márcio Dolzan e Bruno Ribeiro, do jornal O Estado de São Paulo, Artur Rodrigues, da Folha de S. Paulo e Bruna Fanti revelam todos os sentimentos que os emergem durante a execução desta profissão.

Pelo fato de terem que lidar frequentemente com casos de assassinato, tráfico, operações policiais e corrupção, alguns jornalistas acabam criando uma barreira emocional, fazendo com que os acontecimentos trágicos do trabalho não interfiram

em suas vidas pessoais. No entanto, há aqueles que ainda possuem uma certa dificuldade em lidar com os sentimentos e acarretam a falta de interesse pelas coberturas jornalísticas investigativas relacionadas a casos de crimes.

Ressalta-se nesta obra, inclusive, como fica a questão emocional dos jornalistas ao encararem situações terríveis diariamente como, por exemplo, a execução de indivíduos inocentes em zonas periféricas do país e a morte de crianças e adolescentes causada pelos próprios pais. A partir disso, muito é discutido a respeito da melhor forma de agir diante de situações tais quais os velórios das vítimas e de que modo abordar suas famílias, a fim de que os repórteres não as constrem e as deixem ainda mais abaladas.

Todas as entrevistas foram realizadas por telefone, para que a segurança de todos fosse preservada devido a pandemia da Covid-19. Durante cada uma delas, diversos sentimentos acabaram vindo à tona, tanto para mim quanto para as fontes. Foi possível sentir, mesmo sem ter tido a chance de olhar nos olhos dos entrevistados, suas dores e sensibilizações enquanto recordavam as histórias de suas carreiras. Ao lembrarem momentos delicados e trágicos, alguns dos entrevistados, em determinados instantes das conversas, acabaram ficando com suas vozes trêmulas e até mesmo exaltadas.

No decorrer deste livro-reportagem, é possível aprender muito sobre os aspectos essenciais de uma cobertura investigativa em situações de crimes. Procurar as fontes corretas para as entrevistas; ouvir os depoimentos de outros tipos de testemunhas; assim como ter mais senso de humanidade, acaba se tornando essencial para uma melhor execução do jornalismo investigativo.

O principal objetivo desta obra é dar o devido reconhecimento ao papel dos jornalistas diante das mais variadas circunstâncias, principalmente dos riscos em que eles acabam se colocando a fim de realizar uma boa apuração. Além de transmitir uma grande relevância no aprendizado a partir das experiências vividas por profissionais consagrados do jornalismo, este projeto é crucial para que futuros profissionais utilizem os depoimentos abordados como lições valiosas quando forem exercer a profissão.

Durante a produção deste livro-reportagem, foi possível assimilar dicas essenciais a respeito da realização de coberturas jornalísticas, além de gerar um interesse ainda maior pelo jornalismo policial.

Desde nova, criava uma imensa curiosidade pelos desvendamentos de assassinatos e crimes misteriosos, então, ao absorver tantas histórias impressionantes, a vontade de seguir na

área da investigação só aumentou. Durante cada depoimento contado e cada experiência compartilhada, acabei me fascinando ainda mais pelo assunto. O que apenas costumava assistir na televisão, séries e filmes, passou a influenciar na minha decisão, direcionando-me para trabalhar com a área, por mais que ela possua seus riscos e perigos a serem encarados.

A produção deste livro-reportagem é extremamente importante para facilitar o entendimento ao futuro profissional de jornalismo sobre como realizar melhores coberturas de crimes, além de como se portar em frente a situações inesperadas e complexas.

1

As 23 lesões de Henry

Eram 3h30 da manhã de uma segunda-feira. O menino Henry Borel, de apenas quatro anos, foi levado às pressas ao hospital por sua mãe, Monique Medeiros da Costa e Silva, e seu padrasto, o vereador Jairo Souza Santos Júnior, popularmente conhecido como “Dr. Jairinho”. Em um primeiro momento, ele havia relatado em seu depoimento que a criança teria sofrido um acidente doméstico e, antes mesmo de ter sido levado para a emergência, seus membros já estavam gelados e seus olhos revirados. Mesmo com a realização de manobras de reanimação feitas pelos pais, elas acabaram não servindo de nada. Os pediatras que receberam o garoto afirmaram que ele já havia chegado lá sem vida e, às 5h42 daquela madrugada, a morte do menino Henry havia sido declarada.

A partir do momento em que foi realizada a necrópsia do corpo, algo muito duvidoso e assustador acabou deixando os médicos completamente intrigados: 23 lesões foram encontradas

por todo o seu corpo. As 23 lesões lhe causaram uma laceração hepática que, para os leigos, significa que após uma quantidade exagerada de pancadas, o fígado de Henry acabou se rompendo, acarretando uma hemorragia interna e, conseqüentemente, em sua morte. Foi possível concluir, sem dúvida nenhuma, que o menino havia sido espancado até morrer. E o culpado? Tudo indicava ter sido o próprio padrasto, Dr. Jairinho.

A jornalista investigativa do jornal O Globo, Paolla Serra, acompanhou todo esse terror de perto e admitiu que chegava a pensar nesse caso desde a hora que acordava até a hora de dormir. Mergulhando de cabeça na investigação, a repórter permaneceu mais de cinquenta dias tentando desvendar tudo o que de fato tinha acontecido naquela noite, e o que Monique e Jairinho realmente haviam feito com a criança para que uma situação tão assustadora e desumana viesse a acontecer.

Logo no início das investigações, os aparelhos eletrônicos do casal foram confiscados, para que os profissionais pudessem detectar mensagens e telefonemas trocados com a avó de Henry e a funcionária de sua casa de veraneio, com o intuito de encontrar informações concretas sobre o acontecimento. Com isso, foi descoberto que as duas figuras secundárias do caso haviam encoberto todas as agressões feitas por Jairinho contra o

menino, pois nenhuma vez essas suspeitas chegaram nas mãos da polícia.

Paolla fez questão de frisar, com bastante certeza em sua fala, que nenhum dos indivíduos presos foram realmente condenados. Eles não chegaram nem a ser indiciados, havendo apenas indícios de que tiveram alguma participação no caso. Porém, felizmente, tais indícios foram suficientes para que o pedido de prisão fosse realizado.

De acordo com os relatos da jornalista, outras três mulheres, que em épocas passadas se envolveram romanticamente com o Dr. Jairinho, também foram chamadas para depor contra ele. Contudo, no primeiro depoimento, ambas negaram que qualquer tipo de agressão havia sido feita a elas ou aos seus filhos.

Considerando que ele possuía uma grande influência entre a população da cidade do Rio de Janeiro e um poder aquisitivo altíssimo, acabava sendo fácil manipulá-las e ameaçá-las para que nenhuma verdade fosse exposta. Porém, após sua prisão, as vítimas finalmente criaram coragem para depor novamente, a fim de que a verdade viesse a público de uma só vez. A partir daí, foi constatado que Jairinho agrediu a elas e a seus filhos que, talvez por coincidência, possuíam a faixa etária próxima que a de Henry. As três mulheres alegaram que foi por

puro medo e dependência financeira a decisão de se calarem diante do júri durante o primeiro depoimento.

Jairo Souza Santos Júnior sempre fez parte de uma família bastante rica. Morava em um condomínio de luxo localizado no bairro do Bangu. Através da sua carreira como vereador e médico renomado na região, sua fama foi se alastrando, assim como sua situação financeira. Por conta de sua grande influência sobre as pessoas, ele tinha o poder de controlar quem quer que fosse.

“O caso do menino Henry trata-se de um casal de classe média alta, que mora em um condomínio localizado num bairro luxuoso no Rio de Janeiro. O rapaz é um vereador que está no quinto mandato da câmara municipal, com um pai influente na polícia militar”, afirmou Paolla. Com isso, torna-se possível compreender o motivo pelo qual Jairinho possuía tanto poder sobre suas vítimas. Afinal, o medo de suas ameaças acabava sobressaindo a vontade de denunciá-lo.

A jornalista ainda comparou o caso com o de Isabella Nardoni, ocorrido em 2008, em que seu pai e sua madrasta foram responsáveis pela sua morte, ao lançar a garota pela janela de seu apartamento. Caso esse que rendeu uma repercussão imensa, deixando uma marca na população brasileira até os dias atuais. Ambas as situações contêm semelhanças bastante específicas,

como o fato de as famílias serem de classe alta. Ambas as crianças eram lindas e carismáticas e os responsáveis pelos crimes eram os próprios pais. Ou seja, há uma quantidade de fatos que são considerados chamativos para que o público crie um interesse ainda maior pelo ocorrido.

Paolla comentou que o primeiro contato dos jornalistas com a morte do menino Henry, foi que teria se tratado de um acidente doméstico. Muito foi questionado a respeito da exposição do rosto da criança nas reportagens, já que a falta de cuidado e sensibilidade em situações como essa podem ultrapassar os valores éticos da profissão, desrespeitando a integridade física das vítimas, principalmente ao se tratar de um indivíduo menor de idade.

Ela ainda explicou que muitas reuniões na redação do jornal foram feitas para que a imagem do rosto da criança fosse mostrada. Por fim, foi decidido que ela já havia sido exposta o suficiente até aquele instante, e seria mais pertinente se sua fotografia não fosse publicada pelos veículos de comunicação.

Uma das situações que mais deixou Paolla Serra desestruturada foi a reconstituição do crime realizada pela polícia. Para representar o menino Henry na ocasião, utilizou-se um boneco no qual suas características eram extremamente semelhantes às da criança verdadeira. Com isso, a jornalista se

viu ainda mais arrasada e sensibilizada. Muito acabou sendo questionado se a imagem do rosto do boneco também deveria ser divulgada, já que a semelhança era tanta que poderia ser considerada uma exposição desnecessária para a vítima.

Atualmente, Paolla Serra faz questão de mencionar todas as medidas que toma desde o período de sua graduação na faculdade, além de apontar o que acredita ser essencial para que uma boa cobertura jornalística investigativa seja feita. O fato de poder dar voz, desvendar detalhes, mistérios e bastidores fazem parte do fundamento do jornalismo investigativo para ela, além de seu maior objetivo como profissional ser preservar a integridade física para com a imagem dos cidadãos. Com o caso Henry, houve uma minuciosidade na cobertura do fato para que se mantivesse a integridade da vítima, de apenas quatro anos.

Para a repórter, preservar a segurança do entrevistado em casos como o da morte de uma criança, é o principal compromisso como profissional da comunicação. “Essa é uma preocupação que eu tenho diariamente, de preservar o que foi dito, dizer de fato o que me foi relatado e não expor o entrevistado, seja ela uma vítima de violência doméstica, seja testemunha que foi agredida por uma pessoa “poderosa”, que tem um poder aquisitivo e uma influência grande na política”,

refletiu Paolla, mencionando indiretamente a situação impiedosa na qual Jairinho teve grande responsabilidade.

É praticamente impossível ser um jornalista investigativo e não sentir medo, insegurança e vulnerabilidade constantemente, já que seu maior dever é desvendar casos ocultos ao público e que envolvem muita ilegalidade. A vida dos profissionais pode ser colocada em jogo durante a cobertura desses acontecimentos, e é de extrema importância que eles se protejam o máximo possível para que não se coloquem em situações de risco.

Para Paolla, engana-se quem acredita que apenas os policiais e guardas civis estão sempre expostos a situações perigosas e violentas. Afinal, a fim de descobrir o que está se passando em determinado instante, o jornalista investigativo precisa se dirigir até o local e fazer toda a investigação em primeira mão, por mais que, às vezes, tenham de entrar nas favelas mais precárias do país.

Um aperto no peito me veio na hora ao saber que Paolla Serra já se sentiu apavorada, vulnerável, sensível e frágil durante a execução de seu trabalho. Todos esses sentimentos acabaram vindo à tona para ela, ao recordar coberturas que realizou em meio a tiroteios e grandes manifestações. Por mais que seja impossível controlar tais sensações, ela procura sempre tomar as

devidas precauções para que sua vida possa ser sempre preservada. O uso de carros blindados e coletes à prova de balas é imprescindível para situações como estas.

Atualmente, a jornalista mora no Rio de Janeiro, cidade em que, infelizmente, possui sua fama por abrigar as maiores e mais perigosas favelas do país. Paolla confessou, ainda, que as favelas da região acabam sendo invadidas corriqueiramente pela Polícia Militar, processo esse batizado de “Pacificação”.

Todos os grandes veículos de comunicação costumam apurar as ações de ocupação que acontecem nos mais conhecidos conglomerados do Rio, como o Complexo da Maré, a favela da Rocinha e o Complexo do Alemão, fazendo com que esses casos se tornem um marco na questão da segurança pública do país.

O dia 2 de junho de 2002 ficou registrado como um divisor de águas para que os grandes jornais começassem a tomar mais cuidado ao enviar jornalistas em comunidades violentas, principalmente aquelas que são dominadas pelo tráfico de drogas, como contou Paolla.

Arcanjo Lopes do Nascimento, popularmente conhecido como Tim Lopes, de 51 anos, foi vítima de um assassinato brutal que ocorreu devido a uma emboscada ao entrar em uma das favelas mais perigosas da cidade carioca, localizada na Vila Cruzeiro. Ele foi até lá a fim de fazer uma cobertura sobre abuso

sexual de menores e o tráfico de drogas que acontecia em um baile funk no local.

Tim Lopes passou por torturas completamente desumanas e sessões de ferimentos terríveis. Com isso, grande parte dos jornalistas passaram a tomar cuidados redobrados ao entrarem em áreas de risco.

Apesar de Paolla não ter participado da cobertura desse caso, foi um acontecimento que a marcou muito como profissional e que lhe deu um entendimento muito maior a respeito dos cuidados a serem tomados ao realizar esse tipo de cobertura. Ela alegou, com voz trêmula, que já teve de enfrentar situações bastante assustadoras em sua carreira como jornalista investigativa, como sair correndo e se agachar em meio a troca de tiros para se proteger. Paolla ainda afirmou que, por mais que essas situações estejam se tornando cada vez mais raras, sua consternação pela própria segurança é algo que está presente diariamente em seus pensamentos.

A jornalista ainda fez questão de ressaltar que, pelo fato de ser mulher e atuar em uma área do jornalismo que é majoritariamente composta por homens, isso acaba causando um pré-julgamento por parte dessas pessoas. Ao ter que frequentar lugares com uma quantidade muito maior de indivíduos do sexo masculino, como as delegacias de polícia e o Ministério Público,

a repórter do jornal O Globo acaba se sentindo constrangida e amedrontada ao ter que entrar nesses locais.

Por possuir traços físicos considerados “delicados” e “fora do padrão” dos profissionais que exercem o cargo de investigadores, Paolla Serra afirma que acaba até se sentindo um pouco intimidada. “Até quando vou em algum local, ainda prestam atenção que sou uma mulher, e olham para mim e falam que sou ‘muito patricinha para isso’”, comentou ela, com indignação. Contudo, esses pré-julgamentos acabam se esvaziando a partir do momento em que Paolla acaba conquistando a confiança de suas fontes e das pessoas que frequentam seu local de trabalho. “Eu acho que ainda é uma questão você ser mulher no meio de um ambiente masculino, e eu diria até machista”, concluiu ela.

2

5 segundos em 5 minutos

Flordelis dos Santos de Souza foi acusada de ser a mandante da morte do próprio marido, Anderson do Carmo. A tragédia aconteceu no dia 16 de junho de 2019. Mais de 30 disparos foram feitos contra ele, sendo que a maioria atingiu sua região peniana.

Ela e sua família eram bastante reconhecidas pela fama provinda de seu “império” religioso. Flordelis é pastora e possuía uma rede enorme de igrejas, representando um grande legado para a religião evangélica na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, Anderson e Flordelis possuem certa “fama” por terem mais de 50 filhos, sendo quatro deles biológicos e 51 adotivos.

O que parecia ser uma família do bem e cercada de boas intenções, passou a revelar sua ruindade a partir do momento em que essa tragédia completamente irracional veio a acontecer. Após o mandado de prisão de Flordelis, outras acusações

passaram a ser feitas referente a ela e sua família, acusando-os de incesto, traições e tentativas de assassinato. Porém, o que mais chocou o país, além da atitude grotesca da pastora, foi o fato de que, aparentemente, ela não teria motivos plausíveis para que a morte de seu marido viesse a acontecer.

A repórter e especialista em cobertura de *hardnews* da revista Veja, Marina Lang, cobriu o caso e revelou diversos detalhes sobre a polêmica que esse acontecimento trouxe. Sua primeira revelação constatou o fato de que Flordelis e Anderson eram parceiros de longa data, e que essa se tratava de uma parceria lucrativa para ela, economicamente falando. Marina alegou que a pastora não foi muito inteligente em mandar matar o próprio marido.

O processo de apuração desse caso, para Marina, se baseou em passar muitos dias e horas indo até a porta da delegacia mais próxima de onde ocorreu a tragédia, a fim de apurar todas as informações. Além disso, querendo acompanhar cada vez mais de perto a rotina como pastora de Flordelis durante os cultos, Marina decidiu se disfarçar e comparecer ao seu aniversário de 60 anos, que aconteceu em uma de suas próprias igrejas.

Em tom de deboche e entre risadas, Marina revelou que foi convidada para comparecer ao culto. Entretanto, a jornalista

tentou planejar sua chegada no local sem ser reconhecida. Então, ela decidiu se disfarçar de evangélica. Dentro do jornalismo investigativo, em certas ocasiões, acaba sendo inevitável o uso de disfarces. Com isso, Marina colocou uma saia abaixo do joelho, uma camisa social e, por falta de uma sandália mais apropriada e similar com as que as outras mulheres costumam usar nos cultos, colocou um tênis preto da marca Vans.

Ao chegar lá, a primeira coisa que pensou em fazer foi perguntar a um dos seguranças se Flordelis já havia chegado. Ele a direcionou até o espaço em que a pastora estava. Em seguida, fez questão de perguntar se Marina era jornalista. “Ali eu já fui identificada, porque ele me olhou dos pés à cabeça. Ele deve ter visto meu tênis”, contou Marina Lang, rindo da situação.

Algum tempo depois, uma mulher chegou no local segurando uma prancheta, na qual estava utilizando-a para anotar os nomes de todos os jornalistas que ali estavam presentes. Felizmente, Marina conseguiu driblá-la, porém, essa mulher já sabia quem era a repórter. Já em outro momento do culto, Flordelis começou a ler, em voz alta no microfone, os nomes que estavam escritos naquela prancheta e, no instante em que mencionou “Marina Lang, revista Veja”, a jornalista se encontrou paralisada por alguns segundos. A partir do momento em que a religiosa anunciou seu nome e suas informações, ela

começou a procurar Marina com os olhos em meio a plateia. “Ela parou e começou a procurar no público quem eu era. Durou muito pouco tempo, mas pareceu que os cinco segundos duraram cinco minutos”, detalhou Marina, se permitindo lembrar da situação com angústia.

Flordelis se atormentou um pouco diante daquela situação, pois Marina Lang admitiu saber muito sobre a pastora. “Tenho centenas de textos em minha autoria sobre ela, e naquela semana eu já havia revelado mais coisa ainda. Então ela sabe quem eu sou, eu sou uma pessoa que pega no pé dela”, comentou.

Já no caso do menino Henry, Marina iniciou a cobertura um pouco atrasada, pois estava ocupada cuidando de outra investigação. Ao iniciar as apurações, o fato que a deixou mais estagnada e incrédula foi o resultado do laudo necroscópico, que registrou as 23 lesões no corpo da criança, assim como relatou a jornalista Paolla Serra. O primeiro pensamento que passou pela sua cabeça naquele instante foi: “pera aí, isso aqui são muitas lesões, essa criança foi torturada”. A jornalista da Veja ainda declarou que, até aquele momento, nenhum outro profissional da comunicação havia chegado a essa conclusão. Então, isso acabou abrindo margem para que as pessoas começassem a questionar o que de fato teria acontecido com o garoto.

Durante as investigações, Marina confessou ter enfrentado algumas dificuldades para entrar em contato com as fontes da polícia, então decidiu simplesmente ignorá-las. A jornalista, com seu tom de voz firme, admitiu: “eu saí por fora da polícia, porque meu trabalho não era baseado nela”.

Muitas outras fontes foram ouvidas e, por conta delas, mais pessoas passaram a ser contatadas, mais precisamente, as que haviam mentido para os oficiais, como também abordou Paolla. Marina Lang e Sofia Cerqueira, sua colega de trabalho, foram as responsáveis por revelar todas as informações iniciais deste caso, através da revista Veja. Conforme as investigações foram dando continuidade, elas conseguiram encontrar Valéria, uma mulher que colocou a público outros quatro casos em que Jairinho teria torturado e matado crianças da mesma idade de Henry. Então, Marina pôde concluir que o “famoso Dr. Jairinho” era um torturador em série de crianças pequenas.

Um desses casos foi o do menino Enzo, de três anos, que foi barbaramente machucado. “Enzo voltou para a casa com o fêmur quebrado e, mesmo se tratando de uma criança, não é muito fácil quebrar um fêmur”, contou Marina, com voz estremecida.

Além dos meninos Enzo e Henry terem sido vítimas da brutalidade desumana de Jairo, uma menina também caiu nas

mãos de sua crueldade. A repórter contou que ela havia sido levada para um motel com o vereador e, ao chegaram lá, ela foi completamente despida por ele. Até que ele a levou para dentro do box do banheiro e bateu com sua cabeça contra o vidro e, por fim, a afogou na piscina.

A revista *Veja* ainda foi a responsável por realizar o perfil da avó de Henry, Rosângela Medeiros, mãe de Monique. Foi constatado que ela sabia das agressões que a criança sofria, porém, omitia cada acontecimento e ainda colocava em dúvida a palavra do neto.

Ao chegar na casa de Monique, dias antes de seu mandado de prisão, Marina e sua equipe ficaram na frente da porta da residência durante toda a manhã daquele dia, com o objetivo de prosseguir com a apuração do caso. Eram aproximadamente 16 horas e 30 minutos quando foram em direção ao bairro do Bangu. “Lá estavam cinco milicianos vigiando a porta, e eu vi uma motoca elétrica. Um deles estava usando um colete de couro, e o colete estava bordado com o nome “Firmino”. Esse cara estava com uma bolsinha vermelha e o coletinho, passando com a motoquinha dele”, descreveu a situação de forma debochada.

Logo após, apareceu um Corolla preto e um grupo de três milicianos quando o carro parou à frente dele. Então, o tal do

Firmino começou a conversar com os policiais e a olhar para Marina e sua equipe. A partir daquele momento, a jornalista decidiu tomar a decisão de ir embora de lá, pois sentiu que aquilo não terminaria bem e o medo de ser perseguida e prejudicada tomou conta dela. “Eu estou sempre de olho. Você acha que eu não tenho medo? Mas é o medo que me mantém viva”, relatou Marina.

Já o caso de Marielle se tratou de algo ainda mais complexo, como contou a jornalista. Ocorreu um feminicídio político e envolveu diversas figuras extremamente “cabulosas” do Rio de Janeiro. “O caso Marielle me trouxe vários problemas pessoais, mas ele também me tornou alguém mais forte em relação ao que eu tenho que encarar na minha vida”, comentou Marina. A jornalista revelou ainda que alguns desses problemas pessoais foram a síndrome do pânico e a insônia.

“Eu não perco meu sono pelo caso Henry, mas pelo da Marielle eu já perdi várias vezes”, admitiu ela, fragilizada. A morte da ex-vereadora deu a ela uma fortaleza mental enorme, e foi a partir daquele momento, que Marina aprendeu a crescer e amadurecer diante de situações tão impactantes. “Eu não perdi a capacidade de me indignar. Você tem que se colocar no lugar das pessoas. Você não consegue dimensionar a dor de um pai que perdeu um filho, e é claro que você não consegue

dimensionar a dor da mãe ou de uma mulher que perdeu a Marielle, mas você tem que ter humanidade para cobrir crimes. Tem que ter um tipo de amor, mas tem que ser frio também, porque seu objetivo ali é a informação, não é sofrer”, relatou a jornalista, exaltada.

Ela acredita fortemente que, diante da execução do jornalismo investigativo, não se pode perder, de jeito nenhum, o senso de humanidade, porque existem muitas vidas por trás das tragédias. Marina também garante que há pessoas dentro desta profissão que são desalmadas, que não possuem ressentimentos e que só desejam o “furo” pelo “furo”. “É uma criança de quatro anos que foi brutalmente espancada por esse vagabundo do Jairinho, e você tem que ter uma percepção de que uma mulher eleita com mais de 46 mil votos no Rio de Janeiro é assassinada a tiros na cabeça. Isso é impensável”, concluiu, inconformada.

A jornalista também crê, com muita certeza, que a primeira atitude que um jornalista deve ter ao realizar seu trabalho é a ética, e a segunda, é ter compromisso com a verdade e com o fato. Por mais que os erros existam e estejam presentes como em qualquer outra área, não se deve perder, nunca, esse compromisso com a ética.

A luta com tais compromissos nos mostra que existe um lado “claro” e um lado “escuro” e “das trevas”, como descreveu

Marina. “A gente tem que lutar para civilizar. É uma missão de Dom Quixote? É. A missão principal do Dom Quixote era civilizar o mundo, e por isso ele lutava contra os moinhos de vento”, acrescentou a repórter, ao fazer uma metáfora relacionada à história de Miguel de Cervantes.

A jornalista da revista *Veja* conclui, então, que essa é a principal função do jornalista investigativo: civilizar o mundo. “É uma loucura? É, mas a gente está aí para encarar essa loucura”, finalizou.

3

A duas faces de Celso Russomanno

No ano de 2020, Celso Russomanno foi um dos candidatos ao cargo de prefeito da cidade de São Paulo. O político sempre tentou vender sua imagem de modo positivo, porém, o que aconteceu nesse ano não condiz com sua propaganda como candidato. Nessa época, Russomanno estava envolvido em um esquema de liberação de documentos referente a sua carreira como político.

De acordo com o jornalista Bruno Ribeiro, do jornal O Estado de São Paulo, a partir do momento em que os profissionais de comunicação têm de cobrir assuntos relacionados às eleições, é necessário descortinar cada candidato a fim de descobrir se ele é bom ou não.

Uma fonte próxima de Bruno, que era contra a candidatura de Russomanno, revelou que a filha do político possuía diversos esquemas de estelionato e pirâmide de dinheiro. A partir disso, o repórter passou a realizar pesquisas

com o intuito de desvendar mais informações a respeito do caso. Em seguida, Bruno Ribeiro encontrou uma matéria antiga que dizia que o genro de Celso Russomanno estava sendo processado por vender um investimento falso.

A partir das pesquisas e investigações realizadas por ele, foi possível achar mais de 100 processos de vítimas, e todas fazendo reclamações sobre as mesmas questões.

Celso Russomanno e seu genro emitiam cotas na franquia de lanchonetes e docerias, fingindo que os investimentos estavam indo para os estabelecimentos, porém, se tratava de uma pirâmide de dinheiro. O esquema se baseava em fazer o dinheiro das vítimas desaparecer após realizar os investimentos.

Ao tratar de fatos como esse, Bruno Ribeiro alega que quanto mais fontes o jornalista possuir, melhor para a coleta de dados e para a produção da matéria.

Bruno revelou que o político e sua família eram sócios de uma pousada e, segundo o ponto de vista do jornalista, esse tipo de estabelecimento é relativamente fácil para realizar uma lavagem de dinheiro. Com isso, Russomanno e seus familiares simulavam uma ocupação e um faturamento e limpavam o dinheiro que havia sido investido.

Ao desmascarar os feitos do político, Bruno Ribeiro passou a buscar o contato das pessoas que haviam sido vítimas de corrupção e tentar ouvi-las. Não se tratou de uma tarefa fácil. Afinal, quando alguém é vítima de um golpe dessa magnitude, é comum que ela não se sinta à vontade para se manifestar a respeito do caso.

O jornalista conseguiu contatar 20 pessoas, mas apenas duas delas se dispuseram a falar sobre o ocorrido e, ainda assim, preferiram que suas identidades não fossem reveladas. Em seguida, o repórter decidiu conversar com os advogados das vítimas e, a partir disso, foi possível concluir que Celso Russomanno e sua filha estavam sendo processados por fazerem parte de uma quadrilha. Além disso, dois inquéritos já haviam sido abertos, porém, presentes apenas na Secretaria da Justiça, o que acabou dificultando o trabalho de cobertura de Bruno.

Uma fonte conhecida do jornalista lhe passou os números dos inquéritos, fazendo com que ele conseguisse resgatá-los e prosseguir com sua apuração. Os inquéritos constavam que Russomanno e sua filha também estavam sendo indiciados por estelionato.

Com a produção da matéria a respeito da lavagem de dinheiro e corrupção do político, Bruno Ribeiro vendeu o texto para o Estadão. Porém, não satisfeito, decidiu pedir outro laudo

para Russomanno, a fim de observar o que o candidato ainda tinha a falar. “A gente só conversou por WhatsApp e, em vez de responder, ele publicou um vídeo na internet dizendo que ele já estava sendo alvo de ataques, antes mesmo da campanha começar”, relatou o jornalista, entre risos.

No mesmo vídeo, o político também contou que seu genro estava passando por dificuldades financeiras e que estava prestes a resolver a situação. Ele chegou a lamentar, ironicamente, o fato de sua candidatura ser “suja”.

Certa vez, Bruno Ribeiro acabou sendo tomado pelo medo e preocupação. O ex-governador de São Paulo, Paulo Maluf, havia sido condenado por roubo de dinheiro da prefeitura na época em que foi eleito. O político tinha enviado um determinado valor de dinheiro para o exterior, mas a procuradoria do município conseguiu encontrar essa quantia e congelá-lo. Por conta disso, metade das ações da empresa Eucatex, de pisos e laminados pertencente à família do ex-prefeito, teve de ser leiloada, com o principal objetivo de recuperar os US\$ 230 milhões que haviam sido atribuídos a ele.

A partir do momento em que o jornalista produziu a matéria sobre o caso e a publicou, as ações do ex-prefeito passaram a despencar, acarretando um prejuízo significativo para Maluf. Com isso, diversos advogados passaram a entrar em

contato com o Estadão, questionando o motivo pelo qual a redação constatou que o dinheiro seria leiloado se ele ainda não havia sido enviado para o leilão até aquele momento. “Eles ficaram pressionando a gente: ‘Nós vamos processar vocês’, mas quando eu expliquei a história para o jornal, ele decidiu mantê-la”, recordou Bruno, aliviado.

Por ter de lidar com casos de injustiça e corrupção frequentemente, Bruno Ribeiro acaba sendo bastante tomado pela revolta ao se deparar com determinadas situações. Porém, ele prefere reagir a elas da forma mais leve possível. “Na verdade, eu gosto desses casos, é legal você expor os caras, isso me diverte”, admitiu ele, rindo da situação.

Já no ano de 2006, quando os ataques do PCC (Primeiro Comando da Capital) aconteceram, o jornalista se sentiu ainda mais apavorado e vulnerável perante a cobertura do caso, sentimentos esses que ele ainda não havia sentido até aquele ponto de sua carreira.

Uma delegacia de polícia tinha acabado de ser metralhada, e o jornal onde Bruno trabalhava pediu para que ele fosse até o local realizar a cobertura. Ao se deparar com todas as ruas fechadas e com um clima extremamente tenso que havia tomado o local, o jornalista e sua equipe começaram a se sentir extremamente inseguros. “Nessa época, eu senti um pouco de

medo, sim, mas foi só um pouquinho”, admitiu ele, ironicamente, entre risos.

Nos protestos que tomaram o país em 2013, na cidade carioca, ele presenciou situações tão perigosas quanto o caso do PCC em 2006. Bruno Ribeiro teve de participar ativamente da cobertura das manifestações daquele ano, e a repressão da polícia era muito violenta. Bombas de gás e tiros de bala de borracha eram lançados o tempo todo. Alguns jornalistas que estavam presentes no local para cumprir a mesma função acabaram se ferindo gravemente, um deles chegou até a ficar cego de um dos olhos. Por sorte, o jornalista conseguiu escapar de raspão de uma bala de borracha que havia sido mirada em sua cabeça, mas acabou acertando a pilastra de uma construção.

Apesar de já ter enfrentado muitos casos delicados e perigosos, o jornalista não sente mais aquele medo constante nos dias de hoje, fazendo com que esse sentimento se torne algo pontual. Diferentemente de Marina Lang e Paolla Serra, que trabalham com cobertura de assassinatos e crimes brutais em seus cotidianos, Bruno Ribeiro conta que, por focar sua carreira apenas em casos do meio político, dificilmente acaba recebendo ameaças. “O risco maior para a profissão é com aquela difamação nas redes sociais, começar a ser atacado. Descobrir

seu celular e ser xingado nas redes, destruir sua moral”, opinou o repórter.

Em determinado momento de sua trajetória como jornalista investigativo, Bruno teve de produzir uma matéria a respeito de um esquema de fraude envolvendo o Bilhete Único em uma das estações de metrô da cidade de São Paulo. Porém, ele teve de enfrentar as consequências de um erro cometido pela equipe do veículo de comunicação.

Os indivíduos que estavam praticando a fraude pagavam uma quantidade menor de dinheiro para um dos homens na porta da estação, e ele passava o bilhete para as pessoas e, após usá-lo, elas o devolviam. Por conta disso, o jornal pediu para que Bruno e parte de sua equipe fossem até o local para apurar o caso e flagrar a situação.

Contudo, o fotógrafo do veículo de comunicação, ao tirar uma foto dos indivíduos que estavam realizando a fraude, acabou registrando um homem que não estava fazendo parte daquilo. Pouco tempo depois, foi descoberto que ele era apenas um morador de rua pedindo esmolas na porta do metrô.

Com isso, o indivíduo acabou processando o jornal e vencendo o processo e, por mais que o erro não tenha sido cometido por Bruno, o jornalista também teve de arcar com a culpa. “Não fui eu que escolhi a foto, não fui eu que fiz a

legenda, mas tive que ir à Justiça depor”, recordou o jornalista, decepcionado.

Já na estação de metrô do Brás, também localizada na cidade de São Paulo, Bruno Ribeiro passava todos os dias na frente desse local a caminho do trabalho, até que em um momento passou a notar que havia quantidades exageradas de caixas de cigarro vazias jogadas pela calçada diariamente. Intrigado, o jornalista decidiu observar melhor o que de fato acontecia ali. Então, Bruno e o fotógrafo do jornal se dirigiram até a frente do metrô e começaram a fazer plantão no local.

Em um determinado momento, um caminhão estacionou ali e, quando os caminhoneiros abriram a caçamba, o jornalista e seu companheiro puderam perceber que havia diversas caixas de cigarro dentro do automóvel. “Vimos que, de fato, tinha uma feira de cigarro e eles [caminhoneiros] abriam a caçamba e ficavam vendendo cigarros para os ambulantes, e esses cigarros eram contrabandeados do Paraguai”, revelou o jornalista.

Naquele dia, Bruno havia acordado às 2h da manhã para chegar cedo no local que estava acontecendo a feira e, quando finalmente foi embora, já eram sete horas da noite. Por conta de todo o cansaço e exaustão que se acumularam naquele dia extenso de trabalho, ao produzir a matéria, o jornalista acabou escrevendo “50 maços” em vez de “50 caixas” de cigarros no

texto. Com o deslize de Bruno, o Governo enviou uma nota imensa ao jornal, e o veículo de comunicação foi obrigado a anunciar publicamente um pedido de desculpas e que um erro havia sido cometido.

Apesar de as falhas fazerem parte de qualquer área profissional, Bruno Ribeiro acredita fielmente que o fator fundamental para trabalhar com jornalismo investigativo é publicar informações reais e verdadeiras. “Geralmente, os casos que envolvem crimes já possuem algum órgão fazendo a investigação, ou a polícia, ou o Ministério Público. Então, a primeira missão é saber o que eles sabem e relatar isso, e a segunda é, a partir das informações deles, tentar fazer a nossa própria apuração, para descobrir algo que eles talvez ainda não saibam, a fim de produzir uma reportagem completa”, concluiu Bruno.

4

A tragédia no Jacarezinho

No dia 6 de maio de 2021, a favela do Jacarezinho foi acordada com uma grande tragédia logo cedo.

Repentinamente, as famílias que residem a comunidade se depararam com trocas de tiros e muita confusão. A polícia havia invadido o local para realizar uma operação, porém, muitas pessoas inocentes acabaram sendo mortas ou gravemente feridas.

Logo no início da operação, uma bala perdida acabou acertando um dos policiais, que chegou a falecer. A partir desse momento, a situação começou a se agravar cada vez mais. Pouco tempo depois, a rede Globo já havia divulgado a informação de que 13 pessoas tinham sido mortas. No fim, a operação policial do Jacarezinho acabou se tornando a operação com o maior número de mortes da história do Rio de Janeiro, com 29 vidas perdidas.

A cobertura desse caso foi realizada por diversos jornalistas ao mesmo tempo. O jornalista investigativo do jornal O Estado de São Paulo, Márcio Dolzan, tentou contatar a polícia a fim de iniciar a coleta de informações concretas a respeito do ocorrido. Sem sucesso em suas pesquisas, o repórter se viu na obrigação de fazer plantão nas delegacias próximas ao local da tragédia e no IML (Instituto Médico Legal) no dia seguinte do crime. “Tinham 30 familiares sentados na escada do IML, e foi ali que eu consegui mais informações substanciais”, revelou o jornalista, emocionado.

Durante o plantão, os parentes das vítimas revelaram que a polícia havia invadido uma casa na qual habitavam sete ou oito pessoas, porém, ao tentarem se render, acabaram sendo mortas.

Até hoje, é praticamente impossível descobrir o que de fato aconteceu naquele dia e naquela operação. “No caso do Jacarezinho, cada um dava a sua versão, e é aquela velha história: os vencedores são aqueles que conseguem colocar a sua verdade em evidência. A polícia parte do pressuposto, e até hoje defende, que aquela ação foi algo correto a se fazer”, pontuou Márcio.

Contudo, as famílias das vítimas alegaram que a operação se tratou de um processo de execução. A mãe de um

dos mortos, inclusive, relatou para o jornalista que a polícia havia invadido a favela na intenção de matar, e não de prender.

No ano de 2017, um tiroteio tomou conta da favela da Rocinha. O chefe de comando da comunidade, popularmente conhecido pelos moradores como Adriano 157, tinha como principal objetivo dominar todo o morro. Por conta disso, uma confusão começou a se alojar no local e, quando Márcio Dolzan e o restante dos jornalistas foram convocados a cobrir o ocorrido, ninguém sabia direito como começar a realizar a cobertura devido à tamanha periculosidade da situação.

“Quando se vai para o Rio, a gente acaba se expondo um pouco mais. Com a morte do Tim Lopes, isso mudou totalmente o modo de fazer a cobertura jornalística. Hoje em dia, a gente acaba ficando em áreas mais isoladas”, explicou o repórter, ao relembrar o caso do jornalista que foi torturado e morto ao tentar cobrir um acontecimento no mesmo local.

Ao atravessar uma passarela em frente à favela da Rocinha, um suposto morador do morro abordou Márcio Dolzan e começou a fazer diversas alegações: “Pô, é tudo culpa desse Adriano. É tudo ele que está fazendo isso, porque ele é um merda. É por causa dele que está tendo esse tiroteio, mas ele não manda aqui”. Contudo, enquanto o indivíduo compartilhava aquelas informações com o jornalista, ele acabou não gravando

a conversa. Ao terminarem o diálogo, o repórter se dirigiu até um lugar mais privativo e começou a fazer todas as anotações necessárias e, com isso, passou a escrever a matéria a respeito de tudo que ele havia obtido durante aquela conversa.

Entretanto, segundo Márcio, esse tipo de texto passa a ser inviável de ser publicado, já que não é possível ter uma confirmação concreta e oficial de que tudo aquilo que havia sido dito era confiável.

Já com o incêndio da Boate Kiss em 2013, no Rio Grande do Sul, Márcio Dolzan foi chamado pela equipe do Estadão para cobrir a tragédia. Contudo, ao chegar no local, cada membro do Estado estava estimando números distintos referentes à quantidade de vítimas do incêndio. Segundo os bombeiros, 150 pessoas haviam perdido suas vidas, já a Defesa Civil alegou que teriam sido 158. A Prefeitura da cidade constatou que foram 153. Com isso, o jornal decidiu arredondar o número de mortos pela menor quantidade registrada até aquele instante para que, segundo o jornalista, ninguém tivesse que ser “ressuscitado” posteriormente pelo próprio veículo de comunicação e cometer algum erro grave.

Apesar de ter que investigar e participar de casos extremamente difíceis, Márcio Dolzan conta que não deixa a emoção falar mais alto durante o processo de cobertura dessas

investigações. “Eu estava fazendo a cobertura de um acontecimento que, no final, morreram 240 pessoas. A gente foi para um local que estava acontecendo vários velórios coletivos, e eu olhava para o lado e tinha repórter chorando”, relembrou o repórter, com pausas em suas falas.

O jornalista concluiu que não seria nada saudável transferir tudo aquilo que tinha acabado de viver, para o seu lado emocional. “Eu vim aqui para cobrir um incêndio. Eu não queria pegar a parte emotiva da coisa para não acontecer comigo também. Tem que pensar que, se a gente deixar levar pela emoção, a gente não trabalha”, pontuou Márcio.

Por mais que o jornalista não se permita sofrer pelas situações que encara diariamente, ao chegar em casa, ele finalmente passa a refletir sobre tudo aquilo que teve de enfrentar no dia.

Em abril de 2019, o desabamento do Edifício Muzema, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, acabou matando 24 pessoas, e apenas três conseguiram ser resgatadas com vida. Segundo Márcio Dolzan, o prédio era inteiramente comandado pela milícia e, logo após o ocorrido, toda a imprensa se dirigiu até o local para realizar a cobertura do caso.

No dia seguinte ao desabamento, em um sábado, Márcio foi até lá para observar como estava o processo de resgate das

vítimas soterradas. O jornalista e sua equipe decidiram procurar um ângulo diferente do condomínio para realizar fotos diferentes. Ao chegar lá, uma pessoa foi em direção a Márcio a fim de perguntar se o repórter sabia se o prédio ao lado também havia sido derrubado, já que ele tinha acabado de comprar um apartamento ali.

Durante a conversa, Márcio acabou descobrindo que parte do valor do condomínio pago pelos moradores ia para a milícia, no intuito de garantir sua completa segurança. Além disso, a quantia a ser paga pela compra de um apartamento naquele prédio era muito abaixo do que era considerado normal para a região, fazendo com que o jornalista ficasse ainda mais intrigado com a situação. A partir disso, foi possível construir uma história. Porém, mesmo com a publicação da matéria, não houve nenhuma acusação ou denúncia realizada sobre aquele acontecimento.

Para Márcio, o jornalismo investigativo pode ser considerado perigoso, embora os profissionais consigam perceber em que chão estão pisando. “Quando a gente está cobrindo uma operação policial, por exemplo, a gente não vai lá subir na favela. A gente vai ter que conseguir construir a história da melhor maneira, seja no trabalho de ouvir, ou ir para a delegacia cobrir o caso”, pontuou o jornalista.

Segundo ele, essa área da profissão só se torna perigosa a partir do momento em que os profissionais decidem se colocar em risco e, se todas as devidas precauções forem tomadas, os riscos serão ainda menores.

Em casos como as manifestações de 2013, com lançamentos de balas de borracha e bombas de gás intermitentemente, os jornalistas do Estadão são obrigados pela chefia a se equiparem com coletes, capacetes e óculos de proteção para exercer esse tipo de cobertura.

No caso do menino Henry, acabou sendo difícil de decifrar o que realmente teria acontecido no exato momento do crime, considerando que, no apartamento do casal, só estavam presentes a mãe da criança, Monique Medeiros, o menino, e seu padrasto.

Isso também vale para a operação policial na favela do Jacarezinho. O que foi noticiado é que 29 vidas foram perdidas, mas é praticamente impossível descobrir o que de fato aconteceu naquele momento e no local. Foi exatamente uma execução? As vítimas estavam armadas ou desarmadas?

Com essa sucessão de questionamentos, Márcio Dolzan pôde constatar que, durante uma cobertura investigativa, o que os jornalistas precisam tentar fazer é conseguir produzir as matérias em *off*. “Conseguir as matérias em *off* é plenamente

importante. Muitas vezes, isso permite que o jornalista revele um monte de coisas. Contudo, uma matéria totalmente escrita totalmente em off acaba deixando o leitor com muitas dúvidas”, opinou o repórter.

Tanto em coberturas sobre segurança pública quanto para a área do esporte e política, é extremamente necessário se aprofundar em tudo aquilo que foge do óbvio, principalmente ao trabalhar diretamente com investigações. Atualmente, os policiais não enviam aos jornalistas nenhum tipo de informação oficial, pois é preciso que sejam pedidas também de modo oficial. “Se a gente se basear só naquilo que eles [policiais] pedem, que é entrar em contato, mandar e-mail, a gente não vai conseguir informações relevantes”, garantiu Márcio, que completou: “Uma das coisas que eu mais faço é fazer plantão, tanto no IML quanto em delegacia, onde se consegue informações da própria polícia de modo oficial”.

5

“Bandido bom é bandido morto?”

A noite do dia 7 de fevereiro de 2007 deixou grandes marcas em todo o país. João Hélio, de apenas quatro anos, foi assassinado após um assalto ao ter seu corpo arrastado pelo carro em que estava, no qual foi levado pelos assaltantes. Com o susto de ter sido abordada pelos ladrões, a mãe do garoto tentou tirá-lo do automóvel às pressas, mas acabou ficando preso. Sua perna ficou amarrada pelo cinto de segurança e o restante de seu corpo ficou para fora. Então, um dos homens tomou conta do volante e João Hélio acabou sendo arrastado por cerca de 10km.

A jornalista Bruna Fanti havia sido convocada para cobrir o caso e, surpreendentemente, essa acabou sendo sua primeira cobertura investigativa após se formar na faculdade. Ao chegar no local e se deparar com o ocorrido, a jornalista ficou completamente abismada. Quando ela e os outros repórteres se aproximaram do automóvel, havia rastros de sangue e resquícios do corpo do menino pelo caminho.

A partir do momento em que Bruna e o restante dos jornalistas ali presentes compreenderam que o caso envolvia uma criança pequena, ela observou que um dos policiais que estavam no local se encontrava aos prantos, agachado e cobrindo o corpo de João Hélio com um lençol. “As pessoas em volta estavam muito comovidas, eu chorei também. Quando chegou um tenente que eu já conhecia, consegui algumas informações, mas foi bem difícil fazer aquela matéria”, declarou, emocionada.

Desde a época da tragédia com João Hélio, Bruna acredita que as pessoas possuíam muito mais sensibilidade do que atualmente. “Ninguém levantou uma câmera para tirar foto. Hoje em dia, a gente saberia que estariam ali várias pessoas fotografando aquilo, fotografando os rastros de sangue”, pontuou a repórter.

Atualmente, as pessoas se encontram cada vez mais atraídas pelo espetáculo e, para Bruna, todos estão deixando de enxergar os acontecimentos com mais humanidade. “Eu me senti muito abalada com o caso João Hélio, eu chorei muito. Foi muito chocante para mim. Eu lembro até hoje dessa cena”, recordou a jornalista, com a voz trêmula.

Em 2014, uma operação policial tomou conta do Morro da Congonha, favela também localizada na cidade do Rio de

Janeiro. Ao descer a rua para comprar pão para seu filho, como fazia todos os dias, Cláudia Silva acabou levando um tiro e sendo colocada no porta-malas de uma viatura por policiais militares para ser levada ao hospital, de acordo com a PM. Contudo, no meio do caminho, o porta-malas se abriu e a moça acabou ficando presa ao automóvel por um tecido de roupa e teve parte de seu corpo esvaçalhado ao ser arrastada pela rua por cerca de 350 metros.

Ao entrar na favela onde havia acabado de acontecer a tragédia, Bruna se chocou com a realidade em que aqueles habitantes viviam. Ao caminhar ali dentro, não era possível abrir a boca por conta da quantidade exagerada de moscas voando entre as pessoas.

No dia seguinte do ocorrido, a jornalista se dirigiu até a casa de Cláudia, e a primeira coisa que o filho dela disse para Bruna foi: “Tia, você pode comprar pão pra mim? Porque a minha mãe fazia isso comigo todo dia de manhã” e, sem hesitar, a repórter se ofereceu para atender ao pedido do garoto.

Diante de situações como esta, Bruna não consegue manter o seu lado emocional muito distante do profissional. “Tem que ter um distanciamento, mas é muito difícil. Eu sofria sim, mas eu nunca deixei de ser imparcial por conta disso”, explicou ela.

Na reconstituição do crime, a jornalista descreveu a situação pontuando o modo como o policial responsável pela morte de Cláudia cumprimentava as outras pessoas, enquanto as que haviam sido presas tinham de estar algemadas o tempo todo e, conseqüentemente, sendo tratados de formas extremamente pejorativas. A partir dessa compreensão, o foco principal da matéria acabou sendo a diferença de tratamento entre o policial e o bandido.

Segundo o ponto de vista de Bruna, se ela não tivesse se emocionado e se sensibilizado com o caso, talvez não tivesse encarado toda a situação com outros olhos.

No ano de 2016, o governador Sérgio Cabral foi a primeira figura a ser presa após a operação Lava Jato. Na cadeia, o político foi recebido pelo diretor do presídio e acabou recebendo diversos benefícios e privilégios dentro da cadeia, deixando os outros encarcerados completamente enfurecidos.

A partir desse momento, Cabral passou a assumir o presídio e ganhar regalias, como permissão para dormir na sala do diretor, com ar-condicionado; acesso à comida da lanchonete à vontade; permissão para receber visitas em qualquer horário e a liberação para conversar com sua esposa, que também estava presa na mesma penitenciária, a todo momento.

Ao descobrir todas essas informações, a jornalista começou sua investigação ao fazer plantão na porta da prisão e, sempre que algum segurança aparecia, ela aproveitava para abordá-lo. “Eu fiz esse trabalho durante três meses, indo diariamente para o Bangu [bairro localizado na cidade do Rio de Janeiro], ficava sentada o dia todo lá e, sempre que um guarda saía, tentava convencê-lo a conversar comigo”, recordou Bruna.

No total, 16 agentes, que também estavam encarcerados, foram entrevistados e, por já terem trabalhado com Sérgio Cabral, acabaram confirmando os relatos a respeito das regalias. “Eu publiquei a matéria ‘A vida de Cabral na prisão’ e, logo em seguida, ocorreu que o diretor [da prisão] caiu, o Ministério Público abriu uma investigação e confirmou essas denúncias”, relatou a jornalista, orgulhosa.

Já em 2013, diversas pessoas foram vítimas de um golpe de mulheres que fingiam ser ciganas para pegar o dinheiro das clientes injustamente. A fim de descobrir mais a respeito do caso, Bruna Fanti decidiu fingir ser uma das clientes e, então, começou a se consultar com uma delas durante um mês.

Essas moças lançavam búzios, pedras e, durante as consultas, insistiam em dizer que havia algo de errado na vida da jornalista, dizendo que seu marido iria deixá-la pois estava com uma amante.

Na época, mais de 10 pessoas chegaram a ser vítimas do mesmo golpe. Uma delas acabou tendo um prejuízo de quase um milhão de reais e outra chegou até a ser presa ao tentar se vingar das golpistas.

Uma senhora de 90 anos decidiu se dirigir até a casa das ciganas e, como forma de chantagem, elas haviam pedido para que a idosa lhes desse todas as suas joias como forma de pagamento.

Ao entregar seus bens preciosos para as mulheres, elas começaram a disputar por qual joia ficaria com quem. Por fim, o prejuízo em bens precisos chegou aos R\$400 mil.

No dia seguinte do ocorrido, a velhinha telefonou para uma das “ciganas” e disse que elas haviam esquecido de buscar algumas outras joias que estavam em sua casa. Então, ao chegarem no local, a senhora pegou um paninho de cetim, envolveu um revólver com ele e apontou para elas. Ao ordená-las sentar-se em uma cadeira de sua sala, a idosa exigiu que uma delas saísse para ir buscar seus pertences de volta enquanto a outra se manteria como refém. Contudo, ao sair, a cigana foi imediatamente até a delegacia mais próxima e alegou que a idosa estava fazendo as duas mulheres de refém em sua casa.

A velhinha acabou sendo presa e enviada para uma cela cheia de prostitutas. A partir disso, Bruna decidiu comparecer à

audiência de custódia, pois o advogado havia ligado para a jornalista com o intuito de contar sobre a prisão da idosa. Após a publicação da matéria escrita pela repórter, e após tomar conhecimento de seus argumentos e acusações, o juiz decidiu inocentá-la, mesmo depois de ter passado cerca de um ano respondendo por uso ilegal de armas, sequestro e ameaça na Justiça.

Já a operação policial que aconteceu na favela do Jacarezinho, assim como foi relatado por Márcio Dolzan, ocorreu em mais de uma versão. Existe a versão contada pela polícia, na qual ela garante que não houve nenhuma execução ou arbitrariedade e existe a versão oficial. Nesse caso, Fanti acredita fielmente que o profissional de jornalismo possui o importante papel de procurar provas a fim de confrontar outras versões existentes e explicar melhor o que de fato aconteceu naquele cenário e trazer informações que, às vezes, acabam não aparecendo na investigação oficial da polícia.

Além disso, o que acaba caracterizando o trabalho investigativo nesses casos é a busca por documentos e certidões. Após a operação do Jacarezinho, passaram a existir indícios de que, de fato, havia sido realizada uma execução e de que ninguém havia sido levado com vida ao hospital. “Você vê nas redes sociais as pessoas dizendo: ‘Bandido bom é bandido

morto', então eu não sei se é algo do nosso tempo agora, com as redes sociais e com a potencialização que tira um pouco da humanidade, mas a gente está menos sensibilizada", concluiu Bruna, frustrada.

6

O grande julgamento

Gil Grego Rugai foi condenado a 33 anos e 9 meses de prisão após tirar a vida do próprio pai e da madrasta em 2004. Porém, apenas em 2016 ocorreu o julgamento para decretar o tempo em que o réu se manteria em reclusão.

Aos 21 anos de idade, o jornalista investigativo Felipe Souza, da BBC, teve como sua mais importante e simbólica cobertura a apuração do julgamento de Gil Rugai. O processo durou uma semana e, a partir dessa experiência, o repórter pôde conhecer o desespero de compreender o que era realizar uma grande cobertura.

Era a primeira vez que Felipe estava trabalhando ao lado de grandes profissionais e ídolos do jornalismo, como César Galvão, Bruno Paes Manso e José Roberto Burnier. Por não poder levar nenhum aparelho eletrônico para dentro do auditório, o jornalista teve de anotar todas as informações mais importantes em um caderninho. Ao se dirigir para a sala da

imprensa, José Roberto abordou o repórter e perguntou: “Felipe, você pode me dizer o que estava acontecendo lá dentro?”, e o contratado da BBC entrou em choque após tamanha responsabilidade que uma de suas inspirações da profissão lhe colocou naquele momento.

Geralmente, um julgamento dessa magnitude costuma ser extremamente complexo e, se um erro é cometido, todo o texto pode ser sacrificado e o sentido pode ser completamente transformado. O caso de Gil Rugai foi a primeira vez em que Felipe conseguiu notar a cooperação existente entre os jornalistas. “Foi uma cobertura que eu aprendi muito”, comentou.

Às 19h30 do dia 19 de maio de 2012, Elize Matsunaga tira a vida de seu próprio marido, o dono de uma das maiores empresas alimentícias do Brasil, a Yoki. Marcos Matsunaga foi morto e esquartejado pela esposa, dentro do apartamento onde vivia com ela.

Na participação desta cobertura, nos momentos antes das imagens das câmeras de segurança do elevador terem sido divulgadas, o ocorrido já havia conquistado uma repercussão imensa por todo o país. “Quando começaram a aparecer as imagens, aí o negócio ficou enorme, porque foi um crime chocante que deixou o país perplexo. Isso causou um desespero

entre os jornalistas, porque todo mundo queria uma informação”, recordou Felipe.

A fim de obter dados diferentes e mais exclusivos do caso, o jornalista se uniu a Rogério Pagnan e Artur Rodrigues para produzir a matéria, afinal, desse modo, existiriam mais chances de garantir melhores e mais relevantes informações a respeito do ocorrido. “Como tinha muita gente em cima do caso, era difícil, mas todo dia aparecia um detalhezinho e era aquela loucura, aquele drama. Porém, não foi um caso que durou muito tempo como, por exemplo, a chacina de Osasco”, pontuou o repórter.

A maior chacina que já aconteceu no Estado de São Paulo ocorreu no ano de 2015, nos municípios de Osasco e Barueri. Foram registradas 17 mortes nas duas cidades em um intervalo de apenas duas horas. No mesmo mês, 23 pessoas perderam suas vidas. Já no dia 8 de agosto, seis pessoas foram assassinadas em Itapevi, Carapicuíba e Osasco.

O caso acabou tomando uma proporção gigantesca em pouco tempo. Muitos policiais estavam envolvidos e tentando encontrar os assassinos que, durante os atos criminosos, estavam usando máscaras no rosto para que não fossem identificados pela polícia. “Essa chacina foi insana porque durou muitos e muitos meses, todo dia aparecia um detalhe novo. Mas, ao mesmo

tempo, foi muito complicado porque quase não era certeza de que alguém estava sendo identificado”, explicou Felipe.

No ano de 2018, durante a campanha eleitoral do presidente Jair Bolsonaro, Adélio Bispo foi o responsável por atingir a figura política com uma facada na barriga. Rapidamente, o caso estourou e chegou a ser noticiado até em outros países, principalmente por conta de todos os elementos que compuseram a história. “Era um desafio que chegava a ser ridicularizado, as forças policiais foram ridicularizadas. Como é que um homem consegue se enfiar na mata, ficar dezenas de dias desaparecido e, ainda assim, a polícia não conseguir [encontrá-lo]. Então, esse tipo de cobertura chama a atenção de muitos veículos. Quem é que se destaca nesta situação? Quem tem mais fontes”, pontuou o profissional.

Para Felipe, ao realizar uma cobertura jornalística investigativa, é necessário ter contato com o maior número de fontes possível e, principalmente, tentar pensar fora da caixa ao realizar as reportagens. “Enquanto muitos veículos focam na mesma coisa, procurando depoimentos do mesmo delegado, é importante sempre tentar fugir disso, ir para um outro caminho”, aconselhou o jornalista.

Em seus 12 anos de jornalismo, a situação que mais chegou a amedrontar o repórter da BBC foi cobrir o caso de um delegado que matou dois meninos em um supermercado.

Ao ser questionado como o oficial havia conseguido comprar um Camaro [modelo de carro] recebendo apenas R\$5.000,00 por mês, o delegado respondeu que ele possuía um outro emprego como segurança. Porém, ao trabalhar em um cargo público, não é permitido ter outro emprego em paralelo. Com isso, Felipe decidiu colocar esta informação na matéria, o que não agradou o oficial e acarretou a perda de seu cargo.

Na primeira vez em que o jornalista retornou ao DEIC (Departamento Estadual de Investigações Criminais) após o caso, o delegado passou a encarar Felipe de modo ameaçador e intimidador. Já no dia em que o repórter foi à Justiça no dia de sua condenação, o oficial acabou se exaltando e disparou que Felipe é um repórter inútil e que apenas trabalha escrevendo matérias a favor dos bandidos. Então, o homem se levantou da mesa, começou a berrar e a olhar ferozmente para o jornalista, o deixando completamente apavorado. “Nessa época eu fiquei com muito medo porque eu pensei que pudesse acontecer alguma coisa comigo”, admitiu.

Felipe Souza se considera um profissional bastante frio durante a realização de seu trabalho e ao lidar com situações tão

delicadas e fortes, apesar de ser um completo “manteiga derretida” dentro de casa. Durante toda a sua infância e adolescência, sua mãe sempre o ensinou a ser totalmente profissional independentemente da área que ele fosse seguir na vida adulta.

Muitas vezes, por mais chocante que um caso seja, é imprescindível manter a frieza e compreender que aquilo é um fato que já aconteceu e o jornalista precisa relatar de modo imparcial e distante o ocorrido. Segundo o ponto de vista do jornalista da BBC, existem situações em que é praticamente impossível não se indignar e se emocionar, porém, ao mesmo tempo, não tem como assimilar todos esses acontecimentos com frequência, pois é incontestável que a mente vá surtar em algum momento, deixando de ser algo saudável.

Em 2002, uma menina de nove anos de idade começou a ser violentada e abusada sexualmente pelo amigo do próprio pai, de 39 anos. Cerca de 12 anos depois de acontecer o último abuso, eles se reencontraram, a garota virou uma policial civil e, ao reconhecê-lo, prendeu o estuproador.

Pela primeira vez, a jovem decidiu contar sua história para a BBC, aos 26 anos, e a matéria escrita por Felipe Souza se tornou o texto do veículo traduzido para mais línguas até hoje.

Depois de três anos, ela decidiu conceder uma entrevista mostrando sua identidade.

Existem diversos veículos de comunicação que apenas estão preocupados em produzir o factual, que só procuram publicar notícias curtas e rápidas. Porém, segundo o jornalista, atualmente eles estão começando a pensar de modo diferente e a mudar seus princípios de jornalismo.

No caso do Adélio, quando todos os outros jornais já haviam publicado a respeito do caso, Felipe decidiu ingressar na cobertura e produzir a matéria. “Acho que é essa a nossa missão, não é ficar dando mais do mesmo, mas sim, procurar o novo, ter um novo olhar, uma nova avaliação crítica”, pontuou.

Ao realizar uma cobertura jornalística na área de investigação, não existe uma regra específica a ser seguida. “Essa cobertura não é diferente das outras, então, os elementos que favorecem o jornalista e o que o fazem ganhar espaço é ter boas fontes. Quando um caso muito grande acontece, de violência, por exemplo, gera uma repercussão e uma atração da sociedade muito forte”, concluiu o jornalista.

7

Criminalização na Paraisópolis

Quando criança, Artur Rodrigues sempre gerou um grande interesse pelas histórias protagonizadas pelo mito das investigações: o detetive Sherlock Holmes. Ao ficar mais velho e concluir a faculdade de jornalismo, seu maior desejo sempre foi participar ativamente de coberturas investigativas e policiais.

No início de sua carreira, o jornalista já chegou a se submeter a situações extremamente arriscadas e perigosas pelo simples fato de ser fascinado por esta área da profissão. Contudo, ao encarar algumas ocasiões complexas, Artur passou a entender que esse tipo de cobertura não lhe despertava mais tanto interesse.

Ao trabalhar no Jornal do Commercio de Pernambuco, durante um período de sua vida, o repórter da Folha de S. Paulo ficou completamente abismado ao se deparar com cenas horripilantes nos locais dos crimes. Corpos estirados no chão por

mais de 10 horas, moscas cercando os mortos e toda a família das vítimas assistindo àquele espetáculo de horror acabaram assustando e traumatizando o jornalista.

Apesar de sempre ter sido seu sonho participar desse tipo de investigação, Artur admite que, atualmente, acaba se sentindo muito mal ao lidar com determinados casos e evita ao máximo fazer parte deles. Porém, às vezes, é necessário participar destas experiências para que informações importantes sejam coletadas e que as matérias possam ser produzidas. É o preço a ser pago por escolher ingressar na profissão.

No dia 1 de dezembro de 2019, nove pessoas morreram pisoteadas durante um baile funk na comunidade de Paraisópolis, na Zona Sul de São Paulo, após uma perseguição policial seguida de tiros. Além disso, cerca de 20 pessoas ficaram feridas, a grande maioria das vítimas eram menores de 18 anos. “Jovens que são completamente criminalizados pela polícia. É importante [fazer esse trabalho] para ajudar a desmontar esse discurso “criminalizador””, opinou o repórter da Folha. Nesse caso, o jornalista teve de comparecer ao velório das vítimas e, apesar de ter sido um momento extremamente difícil de lidar, ele concluiu que foi algo necessário naquela situação. Afinal, era crucial tentar compreender o que os pais dos mortos

tinham a dizer a respeito da situação trágica que havia acabado de acontecer.

Ao cobrir o caso de Isabella Nardoni, Artur e sua equipe não só se basearam nas versões da polícia e das testemunhas, mas também das versões coletadas por cada morador do prédio em que a criança morava. O repórter interfonou para cada um dos apartamentos a fim de resgatar o máximo de informações cruciais para o desvendamento do ocorrido. “É necessário tentar refazer o caminho para tentar entender a dinâmica do crime”, explicou.

Ainda no início de sua trajetória como jornalista investigativo e policial, aos 22 ou 23 anos, Artur trabalhou no jornal Diário do Grande ABC e, na época, ele e sua equipe cobriram um caso de extermínio em que os moradores de uma favela da região foram cruelmente mortos pelos policiais. Ao chegar lá, os próprios traficantes, que estavam armados, guiaram o jornalista até o local do crime e ainda afirmaram que era melhor ele não sair do carro em que havia se dirigido até lá. “Eu fiquei com bastante medo porque a gente estava ali sob risco. Eu vivi aquele momento em um constante estado de tensão, eu poderia até ter sido morto”, admitiu ele, que prosseguiu: “Você tem que evitar de se colocar naquela situação, ninguém quer virar o novo Tim Lopes”.

Para realizar a cobertura investigativa em casos de crimes é extremamente crucial saber avaliar o risco que uma investigação possui para o jornalista. Certa vez, ao tentar entrar em contato com as mães de alguns meninos que estavam realizando assaltos em um semáforo na cidade de Tiradentes, em uma sexta-feira à noite, Artur Rodrigues estava certo de que aquilo era completamente arriscado e que não daria certo.

Chegando na porta da favela, o tráfico estava “bombando”, assim como descreveu o repórter, e os homens perguntaram o que Artur e o restante de sua equipe estavam fazendo no local. “A gente chegou lá e os caras começaram a berrar “sai, sai”, bateram no carro com arma e tudo e o nosso motorista saiu com o carro derrapando”, lembrou ele, amedrontado.

Segundo o seu ponto de vista, existem algumas “regras” a serem seguidas durante uma investigação, a partir do seu modo de cobrir os casos. Uma das mais importantes é dar ouvido a outras versões além das que vêm da polícia e das testemunhas, afinal, é crucial ir à campo e tentar entender detalhadamente tudo aquilo que compôs a situação.

No mês de outubro de 2021, Artur estava produzindo uma história a respeito de uma empresa que estava sendo investigada sobre a “máfia das creches”, que passou o dinheiro

das instituições para o atual prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes. Porém, lá em 2018, uma fonte conhecida do jornalista o avisou que os aluguéis dessas creches estavam extremamente altos na cidade paulistana. “Eu fui atrás e descobri que os valores realmente estavam bizarramente altos, e as creches eram todas ligadas aos políticos e algumas delas foram ligadas ao atual prefeito, que na época ainda era vereador”, contou Artur.

A partir disso, o repórter começou a investigar e produzir a matéria. Foi então que ele acabou descobrindo essa imensa máfia, o caso ganhou muita repercussão e a polícia também passou a fazer parte do processo de investigação. “O interessante do jornalismo investigativo é que você começa a ver as consequências disso, você consegue ver o resultado de tudo isso”, pontuou.

Com o passar dos anos e dos casos experienciados por Artur Rodrigues dentro do jornalismo investigativo e policial, muito foi assimilado a respeito do que deve ou não ser feito em situações específicas. É de extrema importância nunca expor as testemunhas, as vítimas e/ou qualquer fonte que não necessite ser exposta.

É essencial tomar cuidado com as pessoas e tentar ao máximo ser mais humano para não ferir a integridade moral dos indivíduos protagonistas dos casos. Por fim, é essencial não

acreditar fielmente em tudo o que as pessoas falam e sempre colocar em dúvida as versões dos outros. “É o melhor jeito de você não errar e não cometer nenhuma injustiça”, concluiu Artur.

Do início ao fim

A construção deste livro-reportagem foi imprescindível, acima de tudo, para me trazer muitos aprendizados, tanto como profissional quanto como pessoa. Durante esse processo, pude desenvolver uma maior habilidade de realizar entrevistas, de saber lidar melhor com imprevistos e mudanças de planos. Além de ter que realizar as entrevistas por telefone, devido aos cuidados necessários a fim de manter a proteção de todos decorrente da pandemia da Covid-19. Com isso, foi de extrema necessidade que tive de elaborar uma melhor maneira de conseguir capturar a maior quantidade de detalhes possíveis para encaixá-los nos capítulos, porém, sem ter tido a chance de olhar nos olhos de cada entrevistado.

Um dos aspectos mais interessantes a respeito da produção desta obra foi o fato de que, apesar de muitos argumentos dos jornalistas terem sido completamente opostos, alguns acabaram concordando um com o outro, fazendo com que fosse criado um fio condutor entre as diversas histórias compartilhadas por eles. Cada depoimento foi capaz de passar ensinamentos divergentes e extremamente valiosos, como, por

exemplo, o modo mais correto de trabalhar com as fontes dentro de uma cobertura jornalística investigativa; procurar conversar com outras testemunhas, não apenas se convencer com as versões contadas pela polícia e pelo Ministério Público; sempre procurar a nossa originalidade dentro da execução do trabalho jornalístico; e como lidar com as famílias das vítimas logo após o acontecimento das tragédias, além de procurar uma maneira de ser cada vez mais “humano” perante as situações delicadas.

A partir do momento em que os jornalistas começaram a contar a respeito de seus maiores medos e inseguranças dentro da profissão, confesso que me desencorajou um pouco. Contudo, pensar em trabalhar buscando fazer justiça com as próprias ações continuou a me deixar completamente fascinada pelo jornalismo e todas as questões em que o englobam.

Como mencionou Artur Rodrigues no último capítulo deste livro-reportagem, seu sonho sempre havia sido ser como o detetive Sherlock Holmes, porém, na prática, o repórter acabou percebendo que tudo era um pouco diferente do que era visto nas telinhas. O jornalista chegou até a admitir que fica muito mal ao realizar esse tipo de cobertura, porém, as histórias relatadas pelos profissionais me empolgaram para ingressar na área do jornalismo investigativo.

A produção desta obra me agregou muito e, com certeza, passarei a aplicar minhas próprias experiências em meus projetos futuros. Passarei a abordar melhor as fontes a serem entrevistadas, tomarei mais cuidado com a escrita e com os detalhes, e conseguirei elaborar ainda melhor os conteúdos a serem trabalhados em novas obras. Além disso, a conversa que tive com os profissionais da comunicação me fez adquirir uma noção ainda mais a respeito dos cuidados necessários para fazer a cobertura de crimes em locais perigosos e questionáveis. Aprendi que o ideal é sempre, em primeiro lugar, cuidar da própria segurança, independente se a cobertura for realizada dentro de uma favela, ou no meio de uma manifestação.

Foram muitos dias de trabalho, e junto deles o cansaço, a insegurança e o nervosismo, até que viesse o dia em que este livro-reportagem finalmente chegasse ao seu produto. Hoje, me sinto extremamente feliz, orgulhosa e satisfeita com ele. No início, confesso que achei que não conseguiria realizá-lo, e que não seria capaz de produzi-lo por conta própria. Contudo, com muita insistência, perseverança e uma ótima orientação, foi possível tirar todas as minhas ideias do papel e colocá-las em prática.

Fecho esse novo capítulo da minha trajetória com muito alívio, sorriso no rosto e ambição. Ambição para continuar

segundo a profissão tão linda da qual escolhi para a minha vida. Minha paixão pela escrita se iniciou imediatamente a partir do segundo que aprendi a segurar em uma caneta. Desde então, comecei a criar contos e livros de mentirinha a fim de distribuí-los para os membros da minha família, como se fosse uma escritora famosa.

Aos 14 anos, minha mãe sugeriu que, quando eu chegasse na fase de “ter que escolher” minha faculdade, eu ingressasse em jornalismo. E foi a partir dessa conversa, em específico, que ela acabou me inspirando a querer mostrar ao mundo o quanto é possível mudar a forma como o enxergamos, apenas usando o poder das palavras.

A conclusão deste livro-reportagem me deu ainda mais esperança para que eu consiga exercer esse trabalho como profissão para sempre, e que, apesar dos momentos difíceis que sei que enfrentarei, sei também que no final valerá a pena todo o esforço e as noites em claro que o jornalismo requer de seus profissionais.

Agradecimentos

Gostaria de dedicar este livro-reportagem a todas as pessoas que estiveram comigo durante esta longa e dura jornada. A produção desta obra levou bastante tempo, porém, com a ajuda de todos que andaram comigo nesse tempo, tudo ficou muito mais leve.

Agradeço, primeiramente, à minha mãe por sempre ter me apoiado na decisão de me tornar jornalista, que sempre me inspirou a gostar da Língua Portuguesa e me interessar pela escrita. Sem ela, com certeza eu não teria nem começado toda a minha trajetória no curso de jornalismo. Toda a força que foi colocada em mim, para a produção deste projeto, se deu graças a ela e aos seus conselhos e suas opiniões.

Agradeço também ao meu pai que, sem a presença dele durante todos os anos em que estive na faculdade, eu não teria conseguido me manter de cabeça em pé e visando a chegada até o fim. Meu pai foi o responsável por sempre me apoiar em qualquer decisão, além de estampar seu orgulho por mim em qualquer lugar que passamos. Por ele, só tenho a agradecer também por sempre ter arcado com os custos que requer a faculdade de jornalismo. Meu pai sempre fez questão de se

mostrar presente e curioso a respeito da produção desta obra, e ainda faz questão de falar aos outros o quanto tem orgulho de sua filha.

Também agradeço imensamente a minha irmã, Renata, por sempre ter me incentivado a continuar enquanto lidava com os dias difíceis e desmotivadores. Minha irmã foi uma figura essencial, desde jovem, ao me incentivar a gostar da escrita e da arte como forma de se expressar. Muito me espelho nela e, por conta disso, sua participação nesta jornada fez com que tudo se tornasse mais leve. Além disso, ela foi uma das responsáveis por sempre me lembrar do quanto sou capaz e do tanto de talento que tenho com as palavras. Desde criança, minha irmã sempre fez questão de me mostrar, através de suas próprias experiências, o quanto é necessário batalhar pelas nossas vontades até que elas sejam de fato alcançadas.

O restante da minha família exerceu um papel fundamental diante da minha criação, ao me ensinar a nunca desistir daquilo que desejo, para ser o mais forte possível ao encarar os mais diversos imprevistos que acabam ingressando no meu caminho.

Não poderia esquecer de fazer um agradecimento especial às minhas melhores amigas, Mariana, Isabella e Stefanie que, mesmo com a distância, sempre se mostraram

completamente próximas durante a execução deste projeto. Sempre me apresentando com palavras de apoio e me ajudando de todas as formas para que este projeto ficasse da melhor forma possível. Durante todo esse processo, foram elas que continuaram torcendo por mim e acreditando em todo o meu potencial. Mesmo diante dos dias ruins e de desmotivação, elas tiveram um papel crucial para que eu conseguisse encará-los de uma melhor forma, além de me fazer enxergá-los de modo positivo e de aprendizado.

Pessoas que merecem completamente os meus agradecimentos são todos os jornalistas investigativos que se propuseram a fazer parte desse lindo trabalho. Paolla Serra, Marina Lang, Bruna Fanti, Bruno Ribeiro, Felipe Souza, Márcio Dolzan e Artur Rodrigues foram extremamente cruciais para a produção desta obra que me deu tanto orgulho de produzi-la. Todas as histórias e experiências compartilhadas por eles acabaram me transformando em uma pessoa e profissional muito melhores.

Por fim, é impossível não separar um espaço para agradecer ao meu professor e orientador Fernando Moraes que, durante toda a produção deste livro-reportagem, sempre se mostrou completamente disponível e apto a me auxiliar e me guiar diante das minhas dificuldades e dúvidas que acabavam

aparecendo desde o início do desenvolvimento do projeto. Ao sempre me provar que eu possuía extrema capacidade de realizar tal feito, foi ainda mais fácil desenvolver esta obra com toda a tranquilidade e confiança, pois ele me despertou uma segurança diante de todas as orientações e conversas que tivemos nesse processo.

Passei muitos meses fazendo mudanças, reorganizando informações e debatendo com ele a respeito do formato do projeto, porém, desde o primeiro dia de trabalho, determinei que um livro-reportagem seria produzido, independentemente do processo que teria de ser encarado mais à frente.

Apesar de ter construído este livro-reportagem com as minhas próprias mãos, é inviável pensar que teria tido a chance de chegar até aqui sem a imensa ajuda das pessoas citadas anteriormente. Elas foram essenciais para que eu buscasse toda a força necessária para vencer as minhas maiores dificuldades e inseguranças.

Com a conclusão desta obra, me encontro extremamente satisfeita e infinitamente grata a todos que me ajudaram de algum modo durante esta trajetória, afinal, seu produto só pôde ser concluído com todo o apoio das pessoas mais especiais que possuo em minha vida hoje.

Natural de São Paulo, em 2016 ingressei na faculdade de Jornalismo, realizando uma antiga vontade, onde uniria a paixão de transformar ideais à escrita.

Aos 23 anos, realizo o sonho de escrever um livro, o primeiro. Sonho esse com um peso enorme pois nele pude me aprofundar ainda mais num amor descoberto na universidade: o Jornalismo Investigativo.

Aproveito para agradecer a Universidade Presbiteriana Mackenzie, que me deu toda a base para que esse livro finalmente fosse publicado e em especial ao meu professor e orientador, Fernando Moraes, que moldou meus pensamentos e me auxiliou a chegar até aqui.

Desejo que a todos que puseram seus olhos nessas histórias aqui contadas, tenham podido sentir a adrenalina e aflição que senti ao ouvir e contar cada uma delas.

Com carinho,

Flávia Fasanella



De tirar o fôlego!

Diante de situações chocantes, surpreendentes e impactantes, sete jornalistas contam suas versões após a cobertura dos crimes que pararam o país. Desde entrar nas favelas mais perigosas, até auxiliar nos desdobramentos de fatos extremamente cruéis.

Neste livro, repórteres de diversos veículos de comunicação revelam seus maiores medos e inseguranças, desafios esses que precisam enfrentar diariamente na profissão.



profissão.

